

VIDA PÚBLICA E DINÂMICAS URBANAS CONTEMPORÂNEAS: EXPERIÊNCIA E DIÁLOGOS ENTRE CORPO, ARQUITETURA E PROJETO

PUBLIC LIFE AND CONTEMPORARY URBAN DYNAMICS: EXPERIENCE AND DIALOGUES BETWEEN BODY, ARCHITECTURE AND PROJECT

VIDA PÚBLICA Y DINÁMICA URBANA CONTEMPORÁNEA: EXPERIENCIA Y DIÁLOGOS ENTRE CUERPO, ARQUITECTURA Y DISEÑO

Maria Isabel Villac, Doutora, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Presbiteriana Mackenzie
E-mail: belvillac@gmail.com

Volia Regina Costa Kato, Doutora, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Presbiteriana Mackenzie
E-mail: vrkato@uol.com.br

Resumo

O artigo busca trazer elementos discursivos que ampliem o reconhecimento de que o desejo de uma vida pública, vitalizada, se expressa primordialmente por meio de uma atitude corporal, pressupõe uma ordem não assumida e incorporada pelo projeto da arquitetura e do urbanismo, que assinala, em linhas gerais, um descolamento entre representação e contexto na produção do ambiente construído. A partir de cartografias e projetos realizados nos últimos três anos, foi possível atuar dentro de outra ordem que torna visíveis – como reconhecimento da pluralidade de sentidos do espaço – os distintos níveis de complexidade e os múltiplos aspectos das relações que se estabelecem entre os saberes da disciplina e a experiência da cidade como habitat. O projeto, ao comprometer-se com o contemporâneo, se alinha a essas premissas e situa-se dentro de uma linhagem que atribui um papel central para a própria situação humana em seus modos de expressividade, de tal forma que ela possa trazer o sentido do vivido em seus contextos de existência: experiência de corporeidade.

Palavras-chave: Projeto; Arquitetura; Urbanismo; Contemporaneidade; Experiência.

Abstract

The article seeks to bring discursive elements that expand the recognition that the desire for a vitalized public life is primarily expressed through a body attitude, presupposes

an order not assumed and incorporated by the design of architecture and urbanism, which marks, in general terms, a detachment between representation and context in the production of the built environment. From Cartography and Projects carried out in the last three years, it was possible to act within another order that makes visible – in recognition of the plurality of meanings of space – the different levels of complexity and the multiple aspects of the relationships that are established between the knowledge of the discipline and the experience of the city as habitat. The project, by committing to the contemporary, aligns itself with these premises and is located within a lineage that assigns a central role to the human situation itself in its modes of expressiveness, in such a way that it can bring the meaning of the lived in its contexts of existence: experience of corporeity.

Keywords: Project; Architecture; Urbanism; Contemporaneity, Experience.

Resumen

El artículo busca aportar elementos discursivos que amplíen el reconocimiento de que el deseo de una vida pública vitalizada se expresa principalmente a través de una actitud corporal, presupone un orden no asumido e incorporado por el diseño de la arquitectura y urbanismo, que marca, en términos generales, un desapego entre la representación y el contexto en la producción del entorno construido. Desde Cartografías y Proyectos realizados en los últimos tres años, fue posible actuar dentro de otro orden que hace visibles – en el reconocimiento de la pluralidad de significados del espacio – los diferentes niveles de complejidad y los múltiples aspectos de las relaciones que se establecen entre el conocimiento de la disciplina y la experiencia de la ciudad como habitat. El proyecto, al comprometerse con lo contemporáneo, se alinea con estas premisas y se encuentra dentro de un linaje que asigna un papel central a la propia situación humana en sus modos de expresividad, de tal manera que puede aportar el significado de lo vivido en sus contextos de existencia: experiencia de corporeidad.

Palabras clave: Proyecto; Arquitectura; Urbanismo; Contemporaneidad; Experiencia.

INTRODUÇÃO

“O projeto não existe mais em si, isolado, implantado numa paisagem limpa. A arquitetura é uma investigação num horizonte congestionado, mais um signo inscrito num intrincado campo linguístico. A cidade é polifonia” (PEIXOTO, 1996, p. 534).

Pensar o Projeto de Arquitetura e Cidade no momento contemporâneo é reaver sua importância e protagonismo na construção da cidade e na importância da vida pública contemporânea. Quando, e somente quando, assume uma posição crítica, inovadora, ética e à frente das conjunturas impostas por um momento histórico alienado das questões intrínsecas à experiência urbana. Quando, e somente quando, se propõe a investigar não a importação de postulados teóricos e instrumentos metodológicos específicos e estáveis, advindos de outro continente, que correriam o risco de agregar mais uma interpretação dos países do centro capitalista apropriada à periferia, para compor o rol enviesado das “ideias fora do lugar” (SCHWARZ, 1973) e servir de modelo aplicado em áreas seletivas que deixam grande parte das cidades como “lugares fora das ideias” (MARICATO, 2000). Quando, e somente quando, se associa ao mapeamento da cidade “real” em tempo e espaço e a questões socioculturais e políticas intrínsecas às suas formas e se propõe a estabelecer um “*campo de tensões* entre enfoques e perspectivas diferenciadas, que vão tomando corpo na negociação, sempre provisória, com seu objeto de conhecimento” (GORELIK, 2011, grifo do original).

O projeto, ao comprometer-se com o contemporâneo, se alinha a essas premissas e situa-se em uma linhagem que atribui um papel central para a própria situação humana em seus modos de expressividade, de tal forma que ela possa trazer o sentido do vivido em seus contextos de existência (MERLEAU-PONTY, 2004)¹: experiência de corporeidade.

Há então, longa e paulatinamente, a passagem desta posição de querer criar um mundo estético, mundo-arte, superposição de uma estrutura sobre o cotidiano, para a de descobrir os elementos desse cotidiano, do comportamento humano, e transformá-lo por suas próprias leis, por proposições abertas, não condicionadas, único meio possível como ponto de partida para isso. Está claro que a “ideação” anterior substitui a “fenomenação” de hoje (OITICICA, 1986, p. 120).

A arquitetura e o urbanismo têm sua própria lógica interna, seu conjunto de regras, mas seu saber é fundamentalmente híbrido. Na contemporaneidade, tem atuado, cada vez mais, no entrecruzamento de linguagens, conceitos e formas, questionando antinomias, incluídas “a separação entre corpo e mente, práxis e *poiesis*, consciente e inconsciente” (SANTOS, 2007, p. 58). Ao abranger, portanto, campos heterogêneos antes não contemplados, que também operam sentidos não condicionados apenas pela razão e a lógica, mas igualmente aqueles da estética, da poesia e do imaginário,

¹ “[...] por inerência daquele que vê naquilo que ele vê, daquele que toca naquilo que ele toca, do sentiente no sentido [...]” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 17).

a arquitetura ganha novos contornos e reúne, às suas singularidades, a qualidade de “campo ampliado” (KRAUSS, 1979, n.p.).

À vida urbana contemporânea interessam projetos e práticas que colocam grande estoque na poética do uso e apropriação na produção de significado de uso público do espaço e que trabalham com vestígios de utilização da materialidade urbana, que concebem o uso como pátina, em vez de desgaste. Ao incorporar, como dado de projeto, a experiência do “outro”, tem se aproximado de práticas transdisciplinares advindas de novas propostas em pesquisa, que “procuram transcender as perspectivas disciplinares anteriores mediante a conceituação de novos objetos, concepções e métodos” (SANTOS, 2007, p. 58).

Na busca de “retratos do cotidiano”, o projeto contemporâneo entende “lugar” como aquele onde a igualdade de cidadania se revela na convivência da diferença e da bricolagem de culturas: estruturas físicas apropriadas, onde as expressões de resistência e ressignificação cidadãs se unem, se aproximam e encontram recinto. Espaços e estruturas substantivados por ações individuais e coletivas, em repetição e de forma eventual, que ocorrem desvinculadas da ideia de excepcionalidade e espetacularidade.

À Arquitetura e ao Urbanismo e para o projeto de arquitetura e urbanismo, o uso polivalente dos elementos arquitetônicos urbanos cobra valor no gesto espontâneo que se desenvolve em termos de relações perceptivas, de conexões transversais entre as formas construídas e aquelas sensoriais e sociais.

Ao projeto dos elementos, das estruturas e da cidade requer reconhecer padrões de urbanidade que acolhem diferenças; lançar luz sobre motivações subjacentes e contextos peculiares – simbólicos e alegóricos – em que a prática é desenvolvida; informar e distinguir a ação do corpo e dos sentidos como centro das questões sobre o meio ambiente urbano, cada vez mais privatizado ou não apropriado.

Diante desses posicionamentos já antecipadamente alinhavados, o artigo busca trazer elementos discursivos que ampliam o reconhecimento de que o desejo de uma vida pública, vitalizada, se expressa primordialmente por meio de uma atitude corporal, pressupõe uma ordem não assumida e incorporada pelo projeto da arquitetura e do urbanismo, que assinala, em linhas gerais, um descolamento entre representação e contexto na produção do ambiente construído (VILLAC *et al.*, 2017, p. 39). A partir de cartografias e projetos realizados no âmbito de pesquisa acadêmica e interdisciplinar, nos últimos três anos, foi possível atuar dentro de outra ordem que torna visíveis – como reconhecimento da pluralidade de sentidos do espaço – os distintos níveis de complexidade e os múltiplos aspectos das relações que se estabelecem entre os saberes da disciplina e a experiência da cidade como habitat.

OUTROS OLHARES PARA A VIDA METROPOLITANA – NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS

Existe uma ideia emergente na certeza de que os resíduos, o inútil e o descartável presentes no território urbano são mensagens criptografadas de dimensões sociais, políticas e culturais pouco visíveis ou desconsideradas, mas potentes no âmbito da vida cotidiana da cidade e apelam por decifrações. É uma tarefa que desafia algumas formas consagradas de produção do conhecimento; exige instrumentais outros de investigação, entre eles, um corpo presente na realidade urbana e que se movimenta sob a força de um olhar que se reconhece como múltiplos – saberes e direções. No

dizer de Abbas Kiarostami², referindo-se a uma lenda persa, quando desejamos intensamente compreender algo, usamos nossos dois olhos e mais dois que pedimos emprestados. É assim que os olhares aqui propostos – do artista, do caminhante e do garimpeiro urbano (conforme Figura 1)³ – são tomados de empréstimo para propiciar o exercício complexo de cartografar a vida pulsante na cidade atravessando as perplexidades e paralisias diante das situações defrontadas.



Figura 1: Oficinas de Cartografia, realizadas de 16 a 20 de outubro de 2017 – Semana Viver Metrôpoli FAU Mackenzie.

Num campo de reflexão mais amplo, as proposições de feitura cartográfica da realidade urbana contemporânea, tão difundidas atualmente, colocam em pauta alguns aspectos que merecem ser destacados.

Em primeiro lugar, o fato incontestável de que a complexidade dos processos globalizados no mundo contemporâneo questiona a capacidade interpretativa dos modelos teóricos das diversas disciplinas das Ciências Humanas, apontando para a necessidade de outras posturas na construção do conhecimento que possam resgatar habilidades críticas e libertem os indivíduos das sensações sufocantes de que vivemos um eterno presente sem alternativas.

² Entrevista de Abbas Kiarostami a Sergio Rizzo. Folha de S.Paulo, Caderno Guia Mostra BR de Cinema, 22 out. 2004.

³ A experiência das oficinas de cartografia foi proposta como “exercício de leituras do território e elaboração de cartografias sobre dimensões e aspectos da vida na metrópole, cujos rastros e sinais são reveladores de manifestações da cultura e de relações entre os indivíduos nos percursos da vida cotidiana. O relato em cartografias outras sob o olhar do artista, do caminhante e do garimpeiro urbano pode iluminar e tornar visível a vitalidade urbana”. Equipe + Participantes: Pesquisadores: professores doutores FAU-UPM. Coordenação: Maria Isabel Villac e Volia Regina Costa Kato. Convidada: Cristina Rossi. Participante externo: Convidada conferencista: Lílân do Amaral Nunes. Convidados especiais: Agentes das ações: Oficina 1. Ricardo Luis Silva, professor doutor Senac-SP; Tulio Souza Costa, artista plástico; Oficina 2. Lincoln Paiva, ex-aluno do Mestrado FAU-UPM; Edison Ribeiro, aluno do Doutorado FAU-UPM; Oficina 3. Pamela M. Cruz, ex-aluna do Mestrado FAU-UPM; Danielle Lessio, aluna do Mestrado FAU-UPM. Equipe de apoio no ateliê: André Reis Balsini, professor Mestre da Uninove; Fernanda Ferreira, aluna do Mestrado FAU-UPM; Thâmara Talita Costa de Carvalho, aluna do Mestrado FAU-UPM. Participantes FAU Mackenzie: alunas da Graduação Andrea Agda, Alice Sei Hee Kim, Camila Cordeiro, Carla Maria Gomes, Juliana Fernandes, Sofia Farhat.

Conforme já assinalava Boaventura de Souza Santos em 2000, as dificuldades de construção de interpretação crítica repousam no fato de estarmos atravessando um longo período de transição histórica, há décadas evidenciando crise nos paradigmas do mundo moderno. A fratura das utopias de emancipação social posta tanto pelo projeto moderno quanto pelos ideais socialistas criou opacidade na visualização de alternativas futuras fora dos parâmetros das imposições do presente. Ou seja, o horizonte de futuro se perdeu e, com ele, as utopias emancipatórias.

Existe um consenso analítico de reconhecimento que na década de 1970 já aforavam os sinais dessa fratura, pois nesse momento algumas transformações que haviam sido gestadas no pós-guerra vão consolidando paulatinamente nas décadas seguintes alguns processos hegemônicos: princípios de articulação da economia baseados na flexibilidade dos sistemas de gestão e nas transformações no mundo do trabalho, desarticulando o trabalho assalariado; reconfigurações territoriais da produção industrial e integrações mundiais inusitadas da economia movidas pelos suportes das inovações crescentes de tecnologias de informação. Essas transformações também se vinculam a um avanço exponencial da urbanização e a um quadro imprevisível de aproximações, confrontos e tensões sociais e culturais, como evidenciam os movimentos recentes de migração internacional. Sassen (2016), ao se debruçar sobre as dinâmicas econômicas recentes, também reafirma o fato de que o projeto de uma sociedade mais igualitária imaginado no pós-guerra e baseado na ideia keynesiana de inclusão ampliada dos indivíduos na sociedade de consumo começa a ruir no final do século XX. Para ela, o elemento motriz da economia hoje não é mais a inclusão, mas a expulsão de pessoas e territórios. Vale dizer que vivenciamos na contemporaneidade processos de transformação em todas as esferas da vida social, cada vez mais complexos, brutais e não necessariamente interligados, e, por isso mesmo, difíceis de ser identificados e compreendidos, impondo assim desafios interpretativos de grande monta.

Se, como afirma João Arriscado Nunes (2002, p. 301), “a teoria, uma das criações mais exemplares da modernidade, parece viver hoje entre a condição pouco invejável de objeto impossível e uma esperança de renovação que decorre de sua indispensabilidade”, o debate em torno dessa questão crucial pode apontar outros caminhos de construção teórica para além da sua associação com a modernidade em crise, como defende o mesmo autor. De todo modo, esses caminhos ainda em construção devem dar conta “das dinâmicas complexas e contraditórias da globalização e em especial das condições emergentes de formas de globalização contra-hegemônicas que, reafirmando as diferenças locais e alimentando-se delas, procura transformá-las em novas energias [...]”, obrigando a colocar em outros termos as construções teóricas.

Acompanhando seus argumentos, etimologicamente a teoria ou a ação de teorizar é indissociável do olhar que incorpora a observação, a representação e que remete ao domínio do estético e do sensorial. Porém, só muito recentemente, essa associação vem sendo reconhecida como importante na produção teórica.

Na ciência moderna, o olhar deveria se submeter ao crivo do método científico como garantia de objetividade em relação ao mundo real. “A noção de objectividade associada à operação de observação, permitia garantir que a percepção se tornava um registro de um conhecimento desincorporado, deslocalizado e desterritorizado [...]” (NUNES, 2002, p. 305).

Apoiando-se em autores como Latour, Lunch e Woolgar e Lenoir, relembramos o fato de que a atividade científica atribui um papel crucial para os textos, materiais de pesquisa e outros suportes que permitem a circulação do conhecimento, ou seja, uma priorização discursiva. Além disso, a teoria no projeto de modernidade teve como ambição a produção “de um conhecimento que permitisse uma intervenção normalizadora baseada na regulação e legislação do mundo natural e social” (NUNES, 2002, p. 305) e as teorias organizadas em torno de disciplinas particulares não colocavam em risco a pretensão de produção de um conhecimento único capaz de descrever, explicar e prever todos os fenômenos, e, portanto, de controlar seus desdobramentos.

Perpassando as várias correntes críticas que denunciaram a centralidade do olhar nas relações entre regulação e dominação, mas não conseguiram configurar saídas fora ao primado do texto, do discurso e dos cânones reconhecidos como produção de saber, identifica no que denomina como “viragem cultural” a partir das décadas de 1980 e 1990, criando aberturas a esse impasse. Sobretudo porque a valorização do estético, do visual, do corporal e das imagens que passa a estar no centro das mudanças culturais da sociedade contemporânea exige uma revisão crítica das distinções postas pela ciência moderna entre aparência e realidade.

Conforme destaca, a viragem cultural do mundo contemporâneo traz à tona não só a importância da dimensão estética, mas também a necessidade de “aproximação das ciências sociais às humanidades no quadro transdisciplinar dos estudos culturais” (NUNES, 2002, p. 310). Esse movimento abre a incorporação de aspectos estéticos, literários e de outras narrativas na atividade de produção teórica, e isso permite, como o autor destaca, “procurar a teoria em lugares donde ela parecia ausente, trazer para o centro da teoria social lugares e temas que antes estavam em suas margens, nomeadamente uma diversidade de formas de expressão cultural oriundas das margens da cultura hegemônica, tanto nas sociedades centrais quanto nas periféricas” (NUNES, 2002, p. 311).

Enxerga, assim, nas diversas pesquisas disciplinares em curso, uma maior tendência de configuração do conhecimento em rede articulado em temas, grupos de temas ou de espaços fluidos, caracterizados por uma erosão ou negociação de fronteiras, por uma hibridação das formas de conhecimento e de atividade social, em detrimento da preocupação de garantir espaços de especialidades.

Ampliando o alcance, essas articulações trazem visibilidade pública a processos, atores e discursos submersos e considerados irrelevantes, criando assim espaços de diálogos entre saberes diversos na sociedade.

Interligado a essa discussão, um outro aspecto importante a se destacar repousa na constatação de que é na dimensão da vida cotidiana que se espelham não só os conflitos e contradições mais amplos da sociedade, como também são gestadas as resistências e a construção de outras subjetividades para além das normas e valores culturais hegemônicos. Como destacam Kato, Vianna e Cruz (2015, p. 87), “[...] as atividades corriqueiras dos indivíduos na cidade carregam elementos informantes dos traços sociais, psicológicos, culturais, e, portanto, das dimensões individuais e coletivas da realidade”. Nessa dupla perspectiva, cada situação particular representa uma composição específica que expõe simultaneamente as contradições sociais e as possibilidades criativas de confronto.

Pais (2003), um importante teórico da sociologia da vida cotidiana e pesquisador perspicaz de suas expressões na cidade contemporânea, reconhece que as manifestações do dia a dia dos indivíduos constituem e se expressam como “enigmas” cujas decifrações exigem aproximações de retalhamento quanto ao tempo e espaço. A partir das noções de contextos analíticos e contextos dos indivíduos é possível ao investigador elencar os elementos conceituais (contextos analíticos) capazes de orientar o olhar sobre os fragmentos da realidade empírica e interpretar por entre linhas as condutas individuais e coletivas (contexto dos indivíduos). Este último, relacionado às situações de vida e aos padrões de comportamento e práticas do dia a dia, representa os contextos de vida nos quais os indivíduos se movimentam, lançando mão de recursos que consideram importantes para a sua existência. Sobretudo, são, simultaneamente, espaços de reprodução e reinterpretação da cultura dominante: ao selecionar os elementos contextuais do meio, os indivíduos revelam as posições sociais que ocupam e as identificações simbólicas que portam, porém, não como reflexo mecânico das estruturas sociais. Os movimentos da vida cotidiana se realizam em tempos descompassados – aqueles das rotinas, das condutas preestabelecidas, reguladas e hierarquizadas e outros – das surpresas, dos imprevistos, das rupturas em que a espontaneidade e a criação têm lugar. O entrelaçamento desses tempos em cadências nem sempre coincidentes anuncia as possibilidades do novo, do emergente. Esses tempos – os da rotina e os da surpresa – também estão entrecruzados nas espacialidades recortadas da cidade, nas formas de usos normatizados e/ou espontâneos dos espaços públicos e que se mostram aos pedaços, como fragmentos ou resíduos de modos de vida (Figura 2)



Figura 2: Chamada para evento de extensão (ago. a dez. 2019).

É por esses aspectos que a vida cotidiana se destaca como recorte analítico “sobretudo como um enigma a ser revelado na medida em que o dia-a-dia contém a consciência e a inconsciência social, a reprodução e a mudança, a crítica velada, os acontecimentos inesperados, a passividade da rotina e a revolta” (KATO; VIANNA; CRUZ, 2015, p. 87).

Um terceiro aspecto posto no âmbito da discussão mais ampla diz respeito a concepções subjacentes do fazer cartografias, vistas como formas de identificação, registros e interpretações dos retalhamentos de espaços e tempos da vida cotidiana na cidade contemporânea e nestes aspectos, como leituras do território por meio da presença e do movimento do corpo na cidade. Entre muitas outras, cabem aqui duas menções importantes: a noção do caminhar como prática de exploração e intervenção nos espaços, incluindo a ideia de percurso, nas argumentações de Careri (2013), e a noção de corpo vibrátil em Suely Rolnik (2016).

Ambos tornam evidentes a impossibilidade de separação sujeito-objeto, investigador-investigado; outras formas de produção de conhecimento a partir de aproximações e interlocuções com a realidade transformada do mundo contemporâneo e a constatação da existência de múltiplos agentes da transformação histórica emancipatória.

Em Careri (2013, p. 27), se no início da história humana o caminhar, como errância, era uma imposição das necessidades de sobrevivência por meio da qual o homem explorava os recursos disponíveis da natureza, ao longo dos tempos e em várias culturas esse ato passa a adquirir outros significados de naturezas diversas e até mesmo simbólicas. Em todos os momentos, o próprio caminhar sempre significou uma interferência modificadora, intencional ou não, da paisagem existente, mas, sobretudo, “foi caminhando que, no último século, se formaram algumas categorias com as quais interpretar as paisagens urbanas que nos circundam”. Para o autor, a paisagem é entendida como ação de transformação simbólica do espaço que interessa sobretudo à Arquitetura, num movimento de expansão do seu campo disciplinar por meio do reconhecimento das marcas de presença humana no território. Nessa perspectiva, o termo percurso (como errância) compreende simultaneamente “o ato de caminhar (de travessia) e o relato do espaço atravessado: percurso como objeto arquitetônico e como estrutura narrativa” (CARERI, 2013, p. 31).

Em Rolnik (2016, p. 13), a ideia de que os indivíduos são dotados de uma dupla capacidade de apreensão do mundo – a percepção das formas e as sensações corporais (ou corpo vibrátil) – constitui uma contribuição fundamental às cartografias urbanas. Para ela, essa dupla capacidade de apreensão se dá numa relação de tensão paradoxal que “mobiliza e impulsiona a potência de criação, na medida em que nos coloca em crise e nos impõe a necessidade de criarmos formas de expressão para as sensações intransmissíveis por meio das representações de que dispomos”.

Assim, as cartografias, como registros narrativos da vida pública na metrópole contemporânea, contêm um apelo explícito de emergência dessas duplas formas de apreensão da realidade, considerando o atravessamento das histórias profissionais e pessoais dos sujeitos praticantes e um direcionamento dos olhares para elementos específicos dos recortes do território urbano.

A EXPERIÊNCIA DA VIDA PÚBLICA E O PROJETO DE ARQUITETURA E DE CIDADE

Em que medida estão os arquitetos preparados para se envolver em processos de uso e apropriação? Como podem os arquitetos incorporar a experiência e dela se apropriar em seus projetos de arquitetura e cidade e no processo de projeto? Como pode a teoria renovar-se? A oposição de concepção e utilização, de autonomia e heteronomia, pode ser um campo de força produtivo para a produção arquitetônica,

como uma dialética a ser articulada espacialmente e da qual o projeto da arquitetura e da cidade podem derivar significado?

PRIMEIRA CONSIDERAÇÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DE UM OLHAR OUTRO

A experiência, como uma questão para o arquiteto, orienta pensar o projeto solidário ao efetivo uso da cidade, as ações de errância ou de convivência, apoiadas na materialidade urbana em contemplação, em ação, na desatenção. Todas aquelas ações que deixam marcas na cidade. O projeto que ampara e tende a agenciar a pluralidade da dinâmica da vida urbana, com um desenho que valoriza a experiência, se destaca da esfera normativa. A “experiência” diz respeito ao uso público do espaço, às “táticas” (CERTEAU, 2011) que escapam das “estratégias” que excluem (ARANTES; VAINER; MARICATO, 2007) e da “urbanidade” que controla e programa comportamentos (KOOLHAAS, 2010, p. 96).

O arquiteto que aprende com a experiência se aproxima e se envolve com a experiência da vida pública e, também ele, se assume como sujeito da experiência. O arquiteto, sujeito da experiência, defende a primazia da prática por sobre a teoria (ARGAN, 1973, p. 102). Renova a arquitetura e o urbanismo “através da crítica” (ARGAN, 1973, p. 23). Projeta não uma criação livre e compositiva, mas, sim, uma arquitetura que se posiciona como “resposta direta às exigências da vida e cujo projeto não pretende ser inventivo, mas essencialmente crítico” (ARGAN, 1973, p. 23).

O que implica abandonar uma “fé perceptiva” que se apoia somente em um conhecimento prévio e em um saber erudito que se impõe. Porque “supõe um mundo pleno [...] [em que] tudo se compõe, então, numa coesão compacta e lisa, indefectível [...] [que] desconhece lacunas e incoerências [...] e projeta, assim, um mundo contínuo e coerente, e acredita fruir e restituir – ainda que por prestações parcelares – a sua integralidade” (CARDOSO, 1988, p. 349).

O arquiteto que se dispõe a fazer a crítica às práticas de projeto exercidas dentro da tradicional separação entre a autonomia da concepção e que assume um compromisso para incorporar uma experiência prévia de espaço se predispõe a outra consistência em seu olhar. Que “ao invés, pois, da dispersão horizontal da visão” (CARDOSO, 1988, p. 349), um olhar que, na procura de “um campo de significações”, conjugue a atividade e as virtudes daquele que olha o foco da investigação.

Um olhar cuja têmpera não se faça “espelho [...] Como se renunciasse a sua própria espessura e profundidade para reduzir-se a esta membrana sensível em que o mundo imprime seus relevos”. Mas se enrede “nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento” (CARDOSO, 1988, p. 349). Um olhar que, em busca de outro raciocínio para o projeto de uma arquitetura sociocrítica que explicitamente aborda questões de uso e apropriação, “não deriva sobre uma superfície plana, mas escava [...] mirando as frestas deste mundo instável [...] que instiga e provoca a cada instante sua empresa de inspeção e interrogação” (CARDOSO, 1988, p. 349).

SEGUNDA CONSIDERAÇÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA: NOVOS PROCEDIMENTOS

Construção de um quadro de referências teóricas alinhado a singulares entendimentos sobre a dinâmica da cidade.

Um olhar que se atualiza e se posiciona de maneira crítica e sem convencionalismos refuta preceitos ultrapassados em relação às dinâmicas urbanas reais. A mudança do olhar é premissa para uma aproximação à cidade real e às ações urbanas de vida pública. Da mesma forma, um novo léxico que proponha revisar palavras e conceitos que possam dar substrato a projetos que respondam pelo compromisso com a transformação e a renovação de arquiteturas e áreas urbanas.

Um olhar que apreenda, sobretudo, a dimensão de alteridade nos espaços públicos, uma exposição de si mesmo e o reconhecimento do outro num campo de interpelação em que se “pressupõe que diante de nós existe um outro que não conhecemos totalmente” e nos apresentamos (BUTLER, 2015, p. 45).

Para Caverero, o “eu” encontra não só este ou aquele atributo do outro, mas também o fato desse outro ser fundamentalmente exposto, visível, percebido, existente de maneira corporal e necessária no domínio da aparência. De certo modo, essa exposição que eu sou constitui minha singularidade. Por mais que eu queira, não posso me livrar dela, pois é uma característica da minha corporalidade e, nesse sentido, da minha vida (BUTLER, 2015, p. 47).

Um olhar teoricamente orientado, que vá concretamente ao encontro de outra sensibilidade e à revisão do repertório interpretativo e da concepção do projeto, lança luz de um quadro conceitual com outra espessura, as motivações subjacentes e o contexto específico em que esta prática se desenvolve. Enfim, à construção de um horizonte híbrido e delineado por uma “constelação de conceitos”⁴ que conversam entre si e se contaminam e pela interdisciplinaridade, ao abrigar interfaces de interesses intelectuais, envolvimento acadêmicos e contribuições singulares de diferentes áreas do conhecimento. Conceitos comprometidos com uma possibilidade de relações e não tão somente com questões disciplinares, tais como “O desejo na cidade”, “Amabilidade urbana e hospitalidade na compreensão do convívio nos espaços públicos das cidades”, “O outro na cidade: apontamentos em direção a uma necessária conscientização urbana, uma alteridade urbana”, “DialogiCidade (espaços de transição entre arquitetura e cidade)”, “Pulso da cidade: fruição do espaço público”, “*Espacios en transición (aqueles espacios creados espontáneamente o transformados por las comunidades locales y en espera de un uso oficial y legal definitivo)*”⁵, orientam uma perspectiva distinta à ação projetual.

4 Tendo o caráter de abrigar interfaces de interesses intelectuais, envolvimento acadêmicos e contribuições singulares de cada membro do grupo, visualizam-se como resultado de uma primeira leitura deste trabalho dois grandes grupos conceituais que irão amparar o projeto: I. reflexões mais abstratas sobre o caráter das relações humanas, ethos e práticas sociais como significantes de culturas e cotidiano na cidade (práticas sociais, cultura e cotidiano). II. reflexões sobre os elos entre a materialidade de elementos urbanos ou estruturas urbanas elementares e as formas de apropriações sociais (elementos urbanos e apropriações sociais). Participaram desta etapa do trabalho: Professores doutores FAU-UPM: Maria Isabel Villac; Lizete Maria Rubano; Volia Regina Costa Kato; Lucas Fehr. Voluntários: Participantes externos: Benedetta Rodeguiero, professora Doutora da Escuela de Arquitectura de Reus, ETSA Tarragona, Espanha; André Balsini, arquiteto, Mestre. Alunos de Pós-Graduação FAU Mackenzie: Ricardo Luis Silva, doutorando; Adriana Monzillo de Oliveira, doutoranda; Flávia Botechia, doutoranda; Edison Batista Ribeiro, doutorando; Andrea Agda de Souza Arruda, doutoranda; Pâmella Mochiute Cruz, mestranda; Maria Isabel Cernañes Guillén, mestranda. Bolsistas: alunos da Graduação FAU Mackenzie: Beatriz Ribas Memoli e Hugo Rossini Costa Longa. Voluntários: ex-aluno de Pós-Graduação FAU Mackenzie: André Nogueira, Mestre.

5 Espaços em transição (aqueles espaços criados espontaneamente ou transformados pelas comunidades locais e à espera de um uso oficial e definitivo). Tradução nossa.

Uma nova prática específica de projeto desperta o interesse etnográfico a um olhar crítico ao primado da experiência, se organiza entre o raciocínio abstrato e a ação ancorada na materialidade da cidade⁶ (Figura 3).



Figura 3: Derivas/Cartografias (jun./ago. 2016). Proposta de workshop de projeto (ago. 2016).

UM MÉTODO ABERTO: PESQUISA EMPÍRICA, ARTICULAÇÕES E DESAFIOS

A aproximação ao objeto de pesquisa, pela especificidade do tema e abordagem, coloca de antemão que o método se constrói no processo de investigação. Em relação às técnicas de pesquisa, cabe situar algumas possibilidades de uso combinado, reconhecendo o alcance e limites de cada uma delas: a observação direta, aberta à construção de novas tipologias de interpretação; e a percepção sensível, que quebra o paradigma da clássica oposição entre o sujeito e o objeto.

PÓS-DESENHOS A PARTIR DA CARTOGRAFIA: PROJETO

⁶ O workshop “Culturas do cotidiano e corpo da cidade”, realizado de 8 a 13 de agosto de 2016, propôs: experimentar, pelo projeto, estruturas complementares às legitimadas pela apropriação de elementos físicos do espaço urbano. Observar, nas cartografias: 1. cultura e vida material; 2. ação cotidiana (anônima) e construção do espaço; 3. discutir sobre o lugar das disciplinas – arquitetura e urbanismo – na cultura brasileira hoje; 4. deslocamento entre representação e contexto: projeto como representação, mais do que expressão da vida social; 5. produção do espaço – uso/ apropriação do espaço. Destaque ao segundo como tema de discussão e propostas; 6. experiência como determinante: novas práticas sociais, diversidade cultural, reorganização do público no espaço urbano; 7. microdinâmicas e atribuição de significados; 8. elementaridade morfológica e realidade sociológica; 9. práticas sociais expressas na materialidade dos espaços e nas construções simbólicas; 10. temáticas – formal, funcional, simbólico, significado – dos substantivos: rua, ponte, passarela; praça; laje, plataforma, platô, mirante; muro, arrimo, talude; térreos de uso coletivo ou público dos edifícios.

O exemplo dado pela observação, em campo, de novos protocolos de uso das estruturas formais existentes, entendidas “como suportes de experiências”, será apropriado e, uma vez compreendida a narrativa encontrada na vida cotidiana, o raciocínio do projeto estará orientado a compor com ela e prolongá-la⁷. Sua produção deve ser pensada como enredo entre duas ordens: “a ordem do discurso encarregado de explicitar, de prescrever e de planejar” (BOUTINET, 2002, p. 254) e o “léxico de uma prática” (Figura 4).



Fig. 04: Proposta Workshop de Projeto | Síntese raciocínio e projeto (fev 2017)

Figura 4: Proposta Workshop de Projeto – Síntese raciocínio e projeto (fev. 2017).

A EXPERIÊNCIA COMO PROCEDIMENTO DE E PARA O OBRAR DO PROJETO

Pesquisar e projetar, a partir da experiência, se assumem como exercício de intersubjetividade. Ação que contamina, portanto, o entendimento de uma ciência isenta de subjetividade que isola sujeito e objeto, contrariando aquele “sujeito da experiência [que] torna-se *ratio* enquanto lugar de produção e artefatos” (MATOS, 1996, p. 209). A leitura, o aprendizado e a produção de conhecimento, a partir da experiência “do indivíduo encarnado”, desarticula um raciocínio a partir de lógicas e estratégias *prêt-à-porter*, que levam à “redução do homem a *subjectum*, a ponto arquimediano abstrato” (MATOS, 1996, p. 209), no qual os significados são parte de um sistema de fórmulas por meio das quais se reconhece “O homem sem qualidades” (MUSIL, 1943).

Ao recolocar a experiência da pesquisa e da ação do projeto urbano/arquitetônico em contato com a realidade de hábitos e costumes cotidianos, enquanto expressão de reinterpretções da cultura predominante, faz-se palpável a ação do corpo. Nas

7 O workshop “Culturas do cotidiano e corpo da cidade II – a escala do pormenor”, realizado entre 6 e 11 de fevereiro de 2017, propôs, como sugestão, a possibilidade de detalhamento e complementação das propostas que deram relevo às práticas sociais do cotidiano, em suas variadas cadências e modos de apropriação da cidade, bem como a expressão de culturas locais entendidas como substrato de projeto. Conserva, ainda, a postura de reconhecimento da importância das relações entre a descrição empírica e a reflexão teórica. Contando também com a experiência e o apreço pelo projeto na escala do pormenor, permanece a questão do construir no construído como uma maneira específica de contribuir ao projeto na cidade consolidada, sua composição, configuração e discurso. Participantes promotores: Professores doutores FAU-UPM: Maria Isabel Villac; Lizete Maria Rubano; Volia Regina Costa Kato; Lucas Fehr. Convidados: Participantes externos: Carlos de Almeida Marques, professor Doutor CAPP-ISCSP UL, Lisboa, Portugal; André Balsini, professor da Uninove. Aluno da Pós-Graduação FAU Mackenzie: Edison Batista Ribeiro, doutorando. Voluntários: ex-alunos da Graduação FAU Mackenzie [que já contribuíram com pesquisa anterior]: Hugo Rossini Costa Longa; Marcela Pereira Nery; Alunos da Graduação FAU Mackenzie: Isadora Machado; Jennifer Liu; Larissa Cortezani; Larissa Ragaini; Larissa Tateno; Lucas Dalcim; Marco Paes; Natalia Imamura; Nay Alves de Souza.

culturas das práticas do cotidiano, nos jeitos de corpo dos “praticantes da cidade” (JACQUES, 2006, p. 127), por um lado. Por outro, na ação do pesquisador, que se relaciona e se envolve com o que pesquisa.

O projeto, por sua vez, em sua relação com a dinâmica da vida pública, aprende com o processo, inventa suas próprias táticas de aproximação e elege a experiência também como método de projeção (ARGAN, 1973). Dessa forma, se propõe a dilucidar os processos corporais e mentais que o objeto de pesquisa proporciona em um horizonte de experiência.

Esta trama experimental, exercício do próprio corpo em atividade perceptiva – a corporeidade intersubjetiva (*Einfühlung*) –, não pode se descrever de maneira direta e explícita, em explicações objetivas, senão em construções de diálogo, que, por inerência, envolvam “em configurações de sentido, ao sujeito e ao objeto” (VILLAC, 2002). Sua leitura, interpretação e crítica exige a expressão da “experiência viva”⁸, de aproximação entre o sujeito, que dirige o olhar interpretativo⁹, e as ações no território, que o levam ao habitar-pensar enquanto desenhador das oportunidades de vida pública¹⁰ (Figura 5).

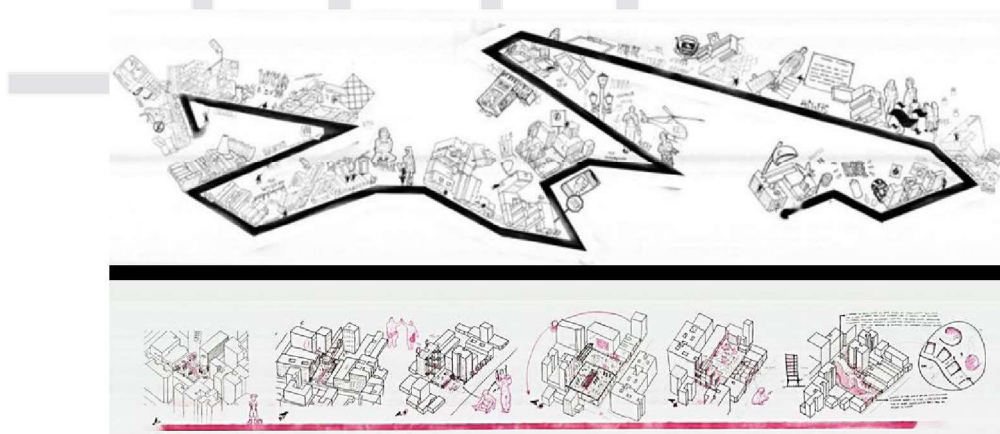


Figura 5: Cartografia que observa o território e suas dinâmicas por meio do PROTOCOLO “Codes sinais, pixo, tipografia, grafismo – Proposta de áreas públicas em interiores de quadras”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PROJETO CONTEMPORÂNEO, UM CONVITE AO DIÁLOGO

A elaboração de reflexões e o obrar do projeto como “corpo em ação”, como exercício

8 O pensamento que relaciona sujeito que pesquisa e vida cotidiana a ser pesquisada é o mesmo que “o raciocínio do projeto que se move em uma relação dialética entre ‘habitar’ e ‘pensar’ a arquitetura” a partir do contato com a realidade de hábitos e costumes cotidianos (VILLAC, 2002).

9 O olhar “se enreda nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento. [...] O olhar não acumula e não abarca, mas procura. [...] Ao invés, pois, da dispersão horizontal da visão” (CARDOSO, 1988, p. 349), o olhar prescreve “o direcionamento e a concentração focal do olho da investigação, orientado na verticalização” (CARDOSO, 1988, p. 349).

10 O workshop de projeto, desenvolvido pela FAU Mackenzie e a École d’Architecture Paris Val de Seine, de 7 a 14 de fevereiro de 2019, propôs: 1. Trabalhar dinâmica da área central de São Paulo (Campos Elíseos): pesquisa, reconhecimento e interface com movimentos de luta pelo território da cidade – a partir de trabalhos progressos do Emau Mosaico FAU Mack; 2. Agregar: método de registro de ocorrências dos fenômenos de estudo – “transecto” como técnica; metodologias de trabalho coletivo, cartografias e experiências anteriores; 3. Projetar, a partir das áreas Peuc sugeridas (função social da propriedade) possibilidades à moradia (formas de vida) + apoio à vida pública e cotidiana. Participaram: FAU Mackenzie: Professores Lizete Maria Rubano; Maria Isabel Villac. Alunos: Anna Júlia Senno Bringhenti Reis; Carla Prete Vasconcelos; Gabriel Gorski Junqueira Paiva; Gabriela Lamanna Soares; Georgia Santaniello Abejon; João Marcos Pobbe dos Santos; Maria Luiza Portugal Dib; Mariana Campos Chaim; Victor Moraes da Silva. Paris Val de Seine: Professores: Catherine Rannou; Khedidja Mamou; Sabrina Bresson; Vincent Laureau. Alunos: Adèle Vasselin; Agnès Marion; Charles Herrou; Elissa Al Saad; Fanny Cahu; Julia Olpinska; Lucie Baron; Rouba Daham; Salma M’Haidra; Tristan Fernandois; Yasmine Alaoui Fdili.

“em ato”, é uma totalidade aberta. E porque a ação do corpo na cidade, “mais que o indício de um conceito”, é, antes de tudo, “um acontecimento”, no qual distintas percepções ampliam a intuição de seus sentidos,¹¹ a experiência se quer apresentar de maneira direta.

A relação de envolvimento do pesquisador com o objeto de pesquisa e do arquiteto com as dinâmicas urbanas, sua presença, em campo e na ação do registro, abre espaço para uma formulação teórica, advinda da expressão de um raciocínio sociocultural contemporâneo, e permite fundamentar o projeto da arquitetura e da cidade na dimensão do uso do espaço, ou seja, de sua apropriação.

Porque, afinal, o que se propõe é a construção de lugar comprometido com as questões de método de pesquisa e também de projeto de Arquitetura e Urbanismo. Pois não se trata tão somente de combinar pesquisas com métodos e conceitos diversos, mas de formar o arquiteto culto e, com as culturas, construir um novo aparato conceitual, metodológico e comportamental para a aproximação ao foco da Arquitetura e do Urbanismo: a vida abrigada, a cidade e os cidadãos.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ARGAN, G.C. *El concepto del espacio arquitectónico desde el Barroco a nuestros días*. Curso dictado en el Instituto Universitario de Historia de la Arquitectura de Tucumán. Traducción, introducción y notas Liliana Rainis (1961). Buenos Aires: Nueva Visión, 1973.
- BOUTINET, J.-P. *Antropologia do projeto*. São Paulo: Artmed, 2002.
- BUTLER, J. *Relatar a si mesmo*. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CARDOSO, S. *O olhar dos viajantes*. In: NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 347-360.
- CARERI, F. *Walkscapes*. O caminhar como prática estética. São Paulo: G. Gilli, 2013.
- CERTEAU, M. de (1990). *A invenção do cotidiano*. Artes do fazer. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. v. 1.
- GORELIK, A. *Para una historia cultural de la “ciudad latinoamericana”*. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE ESTUDIOS URBANOS, 1., 2011, Buenos Aires. Tradução livre. Disponível em: <http://www.urbarred.ungs.edu.ar/pdf/paneles/Adrian%20Gorelik.pdf?PHPSESSID=559f0e7729c73fe0ddcab720b5a4b95f> Acesso em: 30 abr. 2013.

¹¹ “En el curso de la percepción los esbozos sucesivos son retocados, y una nueva silueta de la cosa puede venir a corregir una silueta precedente; no obstante, no hay contradicción, puesto que la corriente de todas esas siluetas se funde en la unidad de una percepción, pero ocurre que la cosa emerge a través de retoques sin fin” (LYOTARD, 1989, p. 31-32).

- JACQUES, P. B. *Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade*. In: JEUDY, H. P.; JACQUES, P. B. (org.). *Corpos e cenários urbanos*. Territórios urbanos e políticas culturais. Salvador, EDUFBA, PPG-AU, FAUFBA, 2006.
- KATO, V. R. C.; VIANNA, N. T.; CRUZ, P. M. *Intervenções artísticas efêmeras e vida cotidiana: as experiências do Coletivo Pi na cidade de São Paulo, Brasil*. In: MARQUES, C. A. *Planeamento cultural urbano em áreas metropolitanas*. Revitalização de espaços pós-suburbanos. Casal de Cambra, Portugal: Caleidoscópio, 2015.
- KOOLHAAS, Rem. Espaço lixo. In: KOOLHAAS, R. *Três textos sobre a cidade*. Barcelona: Gustavo Gili, 2010. p. 67-111.
- KRAUSS, R. *A escultura no campo ampliado*. *October*, n. 8, p. 31-44, 1979. Disponível em: https://monoskop.org/images/b/bc/Krauss_Rosalind_1979_2008_A_escultura_no_campo_ampliado.pdf. Acesso em: 28 maio 2018.
- LATOUR, B., WOOLGAR, S. *Laboratory Life: The Construction of Scientific Facts*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1979.
- LENOIR, T. 'Practice, Reason, Context: The Dialogue Between Theory and Experiment'. *Science in Context*, Vol. 2, No. 1 (1988), 3-22.
- LUNCH, M.; WOOLGAR, S. (eds.). *Representation in Scientific Practice*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.
- LYOTARD J. F. *La fenomenología*. 1. ed. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 31-32.
- MARICATO, E. *As ideias fora do lugar, e o lugar fora das ideias*. In: ARANTES, O. B. F.; VAINER, C.; MARICATO, E. *A cidade do pensamento único*. Desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000. (Coleção Zero à Esquerda).
- MATOS, O. C. F. *Descartes: o eu e o outro de si*. In: NOVAES, A. (org.). *A crise da razão*. São Paulo: Cia. das Letras, Brasília: Ministério da Cultura, Rio de Janeiro: Funarte, 1996.
- MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.
- MUSIL, R. E. V. *Der Mann ohne Eigenschaften*. Lausanne: Imprimerie Centrale: 1943.
- NUNES, J. A. *Teoria, crítica, cultura e ciência: o(s) espaço(s) e o(s) conhecimento(s) da globalização*. In: SANTOS, B. de S. *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.
- OTICICA, H. *A obra, seu caráter objetual, o comportamento*. In: FIGUEIREDO, L.; PAPE, L.; SALOMÃO, W. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 118-123.
- PAIS, J. M. *Vida cotidiana*. Enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.
- PEIXOTO, N. B. *Cidades desmedidas*. In: NOVAES, A. (org.). *A crise da razão*. São Paulo: Cia. das Letras, Brasília: Ministério da Cultura, Rio de Janeiro: Funarte, 1996. p. 519-558.
- ROLNIK, S. *Cartografia sentimental*. Transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.

- SANTOS, B. de S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SANTOS, M. S. dos. *Integração e diferença em encontros disciplinares*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 22, n. 65, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n65/a05v2265>. Acesso em: 26 jul. 2016.
- SASSEN, S. *Expulsões. Brutalidade e complexidade na economia global*. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- SCHWARZ, R. *As ideias fora do lugar*. *Estudos Cebrap*, n. 3, p. 150-161, jan. 1973. Disponível em: http://www.cebrap.org.br/v2/files/upload/biblioteca_virtual/estudos_cebrap_3_as_ideias_fora_do_lugar.pdf. Acesso em: 10 mar. 2013.
- VILLAC, M. I. *La construcción de la mirada*. Naturaleza, ciudad y discurso en la arquitectura de Paulo Archias Mendes da Rocha. 2002. Tese (Doutorado) – Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya, 2002.
- VILLAC *et al.* Relatório MackPesquisa, referente ao fomento Auxílio à Pesquisa, concedido de fevereiro de 2016 a janeiro de 2017, p. 39.